

Usina de Lixo supera crise e vira atração

Depois de muitas marchas e contramarchas, há quase um ano a Usina de Lixo da Ceilândia opera a todo vapor e, pela sua performance, já está atraindo técnicos de todo o Brasil para visitá-la. Na avaliação do gerente geral da Usina, Sérgio Avila, a usina virou uma página difícil de adaptação e desponha como uma solução das mais modernas para o tratamento de lixo de uma cidade. No entanto, outros aperfeiçoamentos estão sendo perseguidos, porque nem tudo vai bem.

A dificuldade que ainda perdura fica por conta da burocracia na comercialização dos produtos retirados do lixo. "É um verdadeiro patrimônio que continua estocado no pátio. Uma riqueza à espera de editais, publicações no Diário Oficial, licitações e leilões" — explica ele. São mais de 60 mil toneladas de composto orgânico e seis mil toneladas de reciclados, tais como plástico, ferro, fardos de pano e papelão. O problema não se resume apenas à forma de vender. Quando existe o leilão, os compradores já acertam os preços com antecedência e jogam os preços para baixo. Assim, o Governo, por ter que obedecer a uma série de regras para comercializar, não pode promover uma boa venda, com ganhos reais.

"Existe comprador, é uma matéria-prima nobre e o Governo quer vender. Mas quando se pensa que tudo vai bem, entra um tal de burocracia e emperra tudo", desabafa um técnico do SLU. Para ele, "o grande produto da usina é o social, mas não se pode deixar de vê-la como um empreendimento de alto retorno econômico. Basta administrá-la bem".

CAPACIDADE

A Usina Central de Tratamento de Lixo de Brasília — a mais moderna do País — consegue operar hoje acima de sua capacidade. Construída para processar 600 toneladas de lixo por dia, ela já chegou a atingir em seu pico 1 mil 242. "É claro que este é seu ponto máximo, mas pode chegar a processar normalmente 900 toneladas. E só o lixo chegar aqui", informou o engenheiro Sérgio Avila.

O lixo do brasiliense fica atualmente em torno de 900 toneladas. Mas não é todo este lixo que vai para a Usina de Ceilândia, porque a frota de caminhões do SLU sofreu uma redução de 137 para 87 veículos. Por isso, apenas 50 por cento do lixo é levado para a usina. O restante vai para o aterro do órgão e algumas toneladas são processadas na outra usina, de menor porte, na Avenida das Nações.

Para o engenheiro Sérgio Avila, o pioneirismo e as inovações que esta usina trouxe deixaram-na em uma berlinda, sofrendo críticas injustas pelos muitos interesses contraria-

dos. "Evidente — explicou Avila — que uma usina de alta tecnologia requer um gerenciamento com mão-de-obra mais especializada. Houve problemas neste setor, daí o porquê de a própria firma construtora ter que operá-la, ao mesmo tempo em que treina o pessoal". Outro equívoco foi dizer que esta usina, dada sua tecnologia francesa, só poderia ser operada com o lixo francês.

"É um absurdo", lembra Sérgio Avila. "Nas grandes metrópoles, o lixo é composto de materiais semelhantes. O lixo brasileiro é inclusive melhor aproveitado pela usina. Ao contrário do europeu, o brasileiro desperdiça muito mais matéria orgânica (haja vista o que se joga fora de comida nos restaurantes e nas casas) e o europeu só despreza mesmo as latarias, vidros e plásticos".

O fato é que a tecnologia de reciclagem da usina segue o modelo francês. No entanto, toda a aparelhagem, desde um simples parafuso ao equipamento mais sofisticado, é produzido no Brasil. Na época da licitação para a construção da obra, a intenção era mesmo fazer uma usina modelo. Procurou-se a tecnologia mais moderna e compatível com Brasília. Chegou-se então a um processo de três fases: recepção, separação e compostagem acelerada (fermentação da matéria orgânica com drenagem mais perfeita da água do lixo).

O resultado disso é simples e é o que diferencia a usina de lixo de Brasília de outras do País. A forma de fermentação garante uma massa estéril como produto. Isto significa que o composto orgânico é praticamente seco — o que facilita a fermentação — e não tem cheiro forte, já que passa por um processo complexo de higienização. Com isso, as sementes que porventura existirem no lixo são mortas e não nasce erva daninha na massa.

PROCESSO

Trabalhando com processo de separação mecânica e manual, a usina faz a reciclagem completa do material do lixo. Assim, todos os compostos — vidros, plásticos, papel, ferro, pano, não-ferrosos — são separados por categoria e completamente reaproveitados. Um fato interessante que se pode notar no local é que, diferente dos outros lugares onde se acumula lixo, não há presença de predadores, como ratos. O único animal encontrado entre os dejetos é o pombo que por ali faz seu ninho.

Quando o lixo chega à usina é despejado em um fosso de 3 mil 500 metros cúbicos, com capacidade para armazenar os rejeitos de Brasília de quatro dias. Em seguida, passa pelo processo de recepção, com garras que levam o material para as peneiras, onde é feita a separação dos objetos por tamanho. Os

grandes passam por catação manual, enquanto o lixo constituído por pequenos materiais segue na linha e passa por uma série de outros mecanismos. Há por exemplo o eletroímã, que faz a separação do material ferroso. Em outra etapa, plásticos, papéis e todo o material leve são searados. O que for pesado, como vidro e plástico duro, passa por outra catação manual.

Quando se visita a usina e se chega ao grande depósito de rejeitos, sente-se que o local é uma verdadeira indústria que produz de tudo: ferro, alumínio, pano, vidro e muito plástico, além do composto orgânico. Para o engenheiro Sérgio Avila, higiene, ausência de ratos, urubus e catadores a garimpar o lixo são fatores que mostram o lado nobre desta indústria. "O grande produto da usina é a sanidade. E se tirar do lixo o saudável e a riqueza. Este é um lado social da maior importância".

Há ainda um fato a ser ressaltado: vivemos na sociedade do plástico. Este material está por todos os lados e a montanha do produto que se forma ao fundo da usina é impressionante.

Como consequência das boas condições e da alta tecnologia aplicada no local, o composto final processado pela usina só precisa de 30 a 45 dias para ser maturado, após quatro dias no higienizador, tempo muito menor do que o gasto em usinas mais simplificadas. E desta forma que se obtém um composto de alta qualidade, com PH neutro — ideal para correção do solo do cerrado —, isento de substâncias indesejadas e, principalmente, materiais cortantes.

COMPLEXO

A Usina de Lixo está construída na área da Central de Atividades do Serviço Autônomo de Limpeza Urbana e ocupa uma área total de 267 mil metros quadrados. No local há espaço reservado para a construção de um aterro de lixo e é ali que está situada também a Usina de Incineração do Lixo Hospitalar.

A construção da obra iniciou-se em setembro de 84, sendo concluída em fevereiro de 86. A partir deste período esteve em regime de pré-operação, sendo corrigidos vários defeitos. A usina opera ininterruptamente desde setembro de 87 e, segundo o superintendente do SLU, Brasil Américo, processa todo o lixo que é enviado. Hoje, já pode ser considerada um cartão de visitas em Brasília, dado o número de técnicos que visitam o local.

Para Brasil Américo, o maior benefício alcançado pela usina está na destinação adequada que se deu ao lixo, preservando a saúde do homem. Evita ainda a poluição do meio ambiente e elimina o cenário degradante dos aterros sanitários.